

## 14º Congresso Brasileiro de Design: Conversação

### Design, Corpos e Política: gênero, sexualidade e performatividade

PORTINARI, Denise; Doutora em Psicologia; PUC-Rio  
[denisep@puc-rio.br](mailto:denisep@puc-rio.br)

ALTMAYER, Guilherme; Doutor em Design; ESDI/UERJ  
[galtmayer@esdi.uerj.br](mailto:galtmayer@esdi.uerj.br)

CÔRTES, Nina Reis; Mestre em Design; Laboratório de Representação Sensível  
[ninareiscortes@gmail.com](mailto:ninareiscortes@gmail.com)

SOUZA, Rafael Ricarte; Doutorando em Design; PUC-Rio  
[rafaelricartedesouza@gmail.com](mailto:rafaelricartedesouza@gmail.com)

FAGURY, Sumaya Lima; Mestranda em Design; PUC-Rio  
[sumayafagury@gmail.com](mailto:sumayafagury@gmail.com)

SOUZA, Isis Reis; Mestranda em Design; PUC-Rio  
[isisreisamendola@gmail.com](mailto:isisreisamendola@gmail.com)

Palavras-chave: Design; gênero e sexualidade; ativismo.

## 1. Apresentação do Tema

*"Longe de ser uma atividade artística neutra e inofensiva, o design, por sua própria natureza, provoca efeitos muito mais duradouros do que os produtos efêmeros da mídia porque pode dar formas mais tangíveis e permanentes às ideias sobre quem somos e como devemos nos comportar (Forty, 2017, p.12)."*

Essa conversação (proposta e realizada) versa sobre o design enquanto atividade profissional e prática projetual que participa dos processos de configuração do sensível compartilhado e, enquanto tal, atua simbólica e discursivamente sobre a (re)produção de corpos, gêneros e sexualidades. O objetivo desta conversação foi o de agregar pesquisadores e grupos de pesquisa interessados em uma reflexão sobre o campo do design como um lugar de fazer político, promovendo práticas que questionam epistemologicamente as estruturas do campo; interessados em modos de *queerizar* o design, desconfiando de suas intenções projetuais e lançando mão de ferramentas teóricas para dar a ver sua operacionalidade, muitas vezes, a partir de lógicas heteronormativas.

Em nenhum momento intencionamos dar mais um sobrenome ao design, como “design de experiência” ou “design de emoções”, mas sim de refletir criticamente sobre o campo e seus aspectos políticos como constitutivos de seus processos e modos produtivos. Em *Por um design político*, Portinari e Nogueira (2016) refletem sobre formas como o design político pode constituir um campo de ficção, capaz de, no avesso das práticas corriqueiras do design, gerar rupturas na ordem do sensível. “Para nós, a política é um assunto de sujeitos e modos de subjetivação, e deste ponto de vista podemos afirmar com relativa certeza que há diversos casos de design politizado, mas poucos em que o design foi de fato político”. (Portinari, Nogueira, 2016, p. 33).

Como aponta Adrian Forty em seu livro *Objetos do Desejo* (2007), o design é uma atividade muito mais significativa do que se costuma reconhecer, principalmente no que tange seus aspectos econômicos e ideológicos. O design de bens manufaturados encarna em seus produtos as noções vigentes na sociedade acerca das distinções sociais - distinções entre os gêneros, entre as idades, entre as classes - materializando e reproduzindo essas formas de normatividade. Mesmo se pensarmos o design para além da produção de artefatos e bens de consumo, podemos afirmar que esse modo de operação - que consiste na reprodução do imaginário social e dos marcadores simbólicos que o atravessam - segue atuando na produção de serviços e de sistemas ditos "imateriais".

Forty (2017) analisou diferentes objetos de consumo e os discursos a eles atribuídos em catálogos de venda postal norte-americanos da virada do século XX. Seu objetivo era dar a ver certas categorias e a naturalização da marcação, via desenhos têxteis e de mobiliários, das diferenças entre homens e mulheres; crianças e adultos; ricos e pobres, para demonstrar a atuação do campo do design como dispositivo de estruturação de lógicas binárias. Forty (2017) nos mostra como o design está politicamente envolvido na cultura material, ao responder aos contextos temporais, sociais e políticos nos quais está inserido.

Neste sentido, a partir de Forty e outros(as) autores(as) relevantes listados ao final deste relatório, a conversão teve como proposta principal iniciar a construção de uma rede de pesquisadores e grupos de pesquisa para compartilhar produções acadêmicas e reflexões teórico-críticas sobre práticas do design que são normatizadoras, com o objetivo de fortalecer a importância destes tipos de abordagem no campo, ao mesmo tempo em sintonia propositiva com práticas contra-normativas e demandas de pautas contra-hegemônicas dos movimentos sociais contemporâneos, notadamente os movimentos feministas e queer/LGBTIA+.

## 2. Justificativa e Relevância

Designers produzem, e reproduzem, através de práticas projetuais, artefatos e sistemas repletos de representações simbólicas, imbuídos de discursos que moldam nossos comportamentos, e atuam também como dispositivos de reprodução normativa. Neste sentido, cientes de que abordagens deste tipo ainda carecem de maior articulação no campo, reunimos grupos de pesquisa e indivíduos interessados nas interseções entre Design, gênero e sexualidade, preocupados em dar a ver as implicações do campo frente a uma multiplicidade de corpos, suscitando questões sobre representatividade, exclusão e a diversidade nas suas práticas.

Através dessa perspectiva, esperamos tensionar o design enquanto atividade capaz de promover - por vezes afirmando e reafirmando dicotomias - discursos normatizadores, e neste sentido esta proposta foi justificada pela ampliação do pensamento crítico do campo no que tange gênero e sexualidade, ainda bastante incipiente, e pelo fortalecimento de articulações críticas e políticas da atividade projetual do designer.

Fomentar um design crítico é entender a potência do campo, tomando-o não apenas como máquina geradora de técnicas que facilitam articulações, via espaços materiais, meios comunicacionais ou dinâmicas memoriais contra normativas, mas também, e sobretudo, como um desenvolvedor de enunciação crítica, até mesmo de sua própria constituição enquanto produtor de subjetivações normativas (Altmayer, 2020). Uma postura de análise problematizadora, articulada com e a partir dos estudos feministas, queer e cuir: aquilo que podemos chamar de *queerização* do design.

*Queerizar*, segundo Denise Portinari (2017), consiste em abrir os olhos do campo para as implicações éticas, estéticas e políticas de suas práticas na atualidade. Abertura que se dá a partir de um processo de sensibilização e tensão do campo sobre suas práticas e seus escoamentos políticos, éticos e subjetivos, “abordando-o enquanto processo social de configuração do sensível compartilhado, do espaço

comum” (Portinari, 2017, p. 2). Para Portinari (2017), essa *queerização* passa por uma problematização e uma “transviação” do papel do design na produção da normatividade, uma análise sobre as formas como ele se insere nesse processo e apontar suas responsabilidades.

Nesse sentido, a relevância dessa conversação se dá pela possibilidade de agenciamento do campo para produção de perspectivas e práticas contra-normativas, ferramentas de articulação política, transviada, feminista. *Queerizar* o design trata, portanto, de dar a ver, seus processos constitutivos e atribuir responsabilidades políticas: expor o que politicamente se pretende não dar a ver. Trata-se de também colaborar com o campo no sentido de torná-lo maduro para que ele possa, criticamente, questionar os próprios processos.

A proposta apresentada (e bem sucedida) promoveu uma reunião para compartilharmos reflexões sobre as estruturas sociais e a importância de examinarmos nossas próprias práticas a fim de criarmos espaço para uma pluralidade de corpos e subjetividades. Buscamos comunicar, ouvir, conhecer e nos conectar com outras iniciativas que vêm questionando as práticas do campo, e criando estratégias de produção contra-narrativas, que já estão em curso na pesquisa e no ensino em design. Pudemos confirmar que existem diversas iniciativas ao redor do Brasil discutindo gênero, sexualidade e Design que ainda se encontravam pouco conectadas entre si.

### 3. Objetivos da Conversação

Ao criar um espaço de troca com outras pessoas igualmente interessadas e curiosas nas temáticas de corpos, gêneros, sexualidades e seus possíveis entrelaçamentos com Design, nossos objetivos foram (1) ampliar o escopo dessa discussão no campo do design, através de sua politização e sensibilização, (2) fortalecer e sistematizar uma rede de pesquisadores, pensadores e estudiosos das

temáticas citadas acima, (3) fomentar a possibilidade de construção de um seminário sobre o tema em um futuro próximo, (4) realizar levantamento e tabulação de produções e grupos de pesquisa investigando questões em comum, e (5) compartilhar meios para *queerizar* o design, buscando compartilhar práticas de um fazer profissional que estimule a auto crítica no que diz respeito às suas motivações, produções e influências.

#### **4. Descrição da atividade**

A conversação, que contou com a inscrição de 44 pessoas e a participação efetiva de 22 - entre professores, pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação - iniciou-se com uma breve fala introdutória dos organizadores realizando uma exposição do tema (“Design, Corpos e Política: gênero, sexualidade e performatividade”), seguida por falas de alguns convidados sobre as suas pesquisas e atividades correlatas.

Desde o princípio estimulamos a ideia da criação de uma rede ativa, ao disponibilizar um documento para construção coletiva que reunisse contatos de cada um dos participantes, relatos sobre grupos de pesquisa existentes, bibliografias produzidas, disciplinas oferecidas por diferentes programas de pós-graduação, inquietações e questionamentos. O objetivo deste documento, previamente criado por todos proponentes, era o de sistematizar uma rede de contatos e iniciar um banco de dados com produções e atividades acadêmicas relevantes aos tópicos dessa conversação.

Em um segundo momento, buscando seguir um modelo de plenária, onde todos teriam a oportunidade de se colocar, cada participante da Conversação foi chamado a apresentar-se e a expor brevemente a sua relação com a temática proposta e sua abordagem. As falas dos participantes contaram com o apoio visual de uma colagem colaborativa, formada por imagens enviadas previamente por elos

e que tinham alguma relação com suas pesquisas, atividades acadêmicas e interesses em relação às discussões levantadas na conversação. Para organizar esse painel utilizamos a ferramenta Miro, adicionando legendas às imagens quando disponibilizadas pelos integrantes.



Imagen 1 - Quadro colaborativo com imagens que representam questões de pesquisa des participantes

## 5. Resultados Esperados e Resultados Obtidos

Objetivando contribuir epistemologicamente com o campo e fortalecer articulações entre diferentes pesquisas, reunimos projetos que interseccionam design, gênero e sexualidade e políticas do corpo. Neste sentido, foram mapeados grupos de estudo no Rio de Janeiro como os grupos Barthes (PUC-Rio) e Grupo DEMO (ESDI/UERJ); em Minas Gerais foram apontados o Projeto de Teoria do Design (UFMG); no Paraná Teoria, história e crítica do design e atividades projetuais (UFPR) e Design e cultura (UTFPR). Foram citados também a rede Design e Opressão que fomenta discussões de gênero entre seus participantes.

Buscamos desde o início estabelecer meios de abrir o diálogo e gerar um primeiro contato, dando início à construção de uma rede de pesquisadores e grupos de pesquisa que se debruçam sobre os temas supracitados. As contribuições dos participantes nos permitiram identificar diferentes disciplinas ministradas em universidades brasileiras como: O corpo e suas representações no design (PUC-Rio); Design e políticas de visibilidade (UFPR); Estético-políticas dos corpos: gêneros, sexualidades e subjetividades (PUC-Rio), Design e corpo (ESDI/UERJ); Criatividade, diversidade e gênero (optativa, graduação - UFSC); Design e relações de gênero (optativa, graduação, UFPR); Gênero e Design (FAU-USP e UFMA). Apesar do número significativo de disciplinas, o grupo entendeu a necessidade de fortalecimento e consolidação destas disciplinas nos diferentes programas de pós-graduação brasileiros.

Entendemos que fomos bem sucedidos, no curto período de duração da Conversação, em expandir a discussão e trazer visibilidade para os temas, intercruzando-os, bem como, a construção de uma base que reúna produções acadêmicas e de extensão que é aqui compartilhada ao final deste documento.

Durante a conversação, enquanto cada participante apresentava sua fala, nós percebíamos as possíveis conexões entre as pesquisas de acordo com cada abordagem citada: o corpo e suas representações, performances de gênero e sexualidades, entre outras. Ao final foi discutida a necessidade de criação de uma rede de pesquisas sobre os temas no campo do design, e a possibilidade de organizarmos um evento ampliado em torno dessas temáticas, bem como a possibilidade de inclusão no próximo Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design de um eixo temático sobre questões de corpo, gênero e sexualidade em suas incidências no campo do design.

Assim acordamos em criar uma lista de transmissão contínua para troca de saberes e produções sobre estes temas, a partir dos contatos realizados durante o encontro, expansível para demais interessades. Foi eleito o meio eletrônico email

como forma de criar uma lista de transmissão para que as informações possam ser intercambiadas, abrindo espaço para um fórum continuado que possa estimular a organização de um seminário temático em um futuro próximo.

## 6. Desdobramentos possíveis

A partir dos dados coletados, pretendemos divulgar para os participantes um registro inicial das atividades e produções acadêmicas ligadas ao tema, com o objetivo de criar um banco de dados para fortalecer e sistematizar uma rede de pesquisadores e estudiosos que investigam questões em comum. Também pretendemos organizar futuramente um evento ampliado sobre Design, política, corpos, gênero e sexualidade a fim de pensar formas de *queerizar* o design e compartilhar estratégias contranormativas que estimulem a atividade projetual de forma crítica e conectada à subjetividade de quem a realiza.

## 7. Bibliografia:

ALTMAYER, Guilherme. **Design é coisa de viado: estratégias para o desenho de uma plataforma digital para memórias sexo e gênero dissidentes.** Estudos em Design | Revista (online). Rio de Janeiro: v. 29 | n. 3 [2021], p. 102 – 116. Disponível em: <<https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/1276/495>> Acesso em 5 de jun. 2022.

BECCARI, Marcos N.; **Design e tecnologia sexual: breve panorama a partir de Foucault e Preciado.** Revista Periodicus, n. 16, v. 3, out.2021-dez.2021, p. 63-81.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo.** São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo.** São Paulo: N-1 Edições, 2019.

CÉLEM, Eva. **Descolando Gênero e Sexualidade: uma investigação sobre processos feministas de subjetivação e o fenômeno do Consciousness-Raising.** 290 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Artes & Design, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber.** Ed. Paz & Terra, 9 ed, 2014.

\_\_\_\_\_ **Vigiar e punir, história da violência nas prisões.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** - 3 rev ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

NOGUEIRA, Pedro; PORTINARI, Denise. **Por um design político.** Estudos em Design, v. 24, p. 32-46, 2016.

PORTINARI, Denise. **Queerizar o design.** Arcos Design, Rio de Janeiro, Edição especial Seminário Design.Com, pp. 1-19, 2017.

RATTI, Bianca M.; BECCARI, Marcos N. **Design gênero neutro: uma análise discursiva do design das marcas de cosméticos Simple Organic e Fluide.** Revista Brasileira de Design da Informação, v. 17, no. 3, p. 43-58, 2020.